

STEFAN SALEJ BODGAN\*

# Opção por algo maior

JORNAL DO BRASIL  
3\* DEZ 1996

O tema dominante nas conversas e análises dos *experts* internacionais a respeito do Brasil e seu futuro é como vamos segurar a estabilidade econômica. Há mais gente acreditando em nosso fracasso do que no sucesso. E mesmo os otimistas advertem que o Plano Real só dará certo com cortes significativos nos custos e déficits e se promover reformas em sintonia com as mudanças da economia mundial.

Em face de uma série de fatores, entre os quais o desinteresse da sociedade de políticos profissionais por reformas cujo alcance não se dará no horizonte particular de seus objetivos eleitorais, as mudanças não são feitas com profundidade que garanta a estabilidade e o desenvolvimento. Nesse quadro, qual o horizonte econômico e social do Brasil para os próximos 20 anos?

Primeiro, precisamos indagar se temos horizonte para um futuro de prazo mais curto. E, segundo, se tivermos, se ele está apresentado bem claramente como o de um país desenvolvido ou não.

Se a opção for por um país medíocre, sempre sonhando com um futuro brilhante, mas não realizado, nem a catástrofe nuclear sobre o resto do planeta melhoraria a posição do Brasil. E se voltar o tempo da inflação e não acharmos o caminho do

desenvolvimento, será bom aceitarmos a oferta canadense, de mudarmos para aquela parte da América do Norte. E vamos já.

Não há a mínima condição racional, dentro da nova ordem econômica, de chegarmos ao estágio superior se o plano de estabilidade não inclui na sua trajetória levar o País a uma permanente administração eficaz de variáveis econômicas.

Se aceito o desafio das reformas, até aqui evitado pela sociedade dos profissionais da política, o país terá um estágio de sacrifício temporário, mas com a garantia posterior da continuidade de uma ação estabilizadora. Optando por esse caminho, teremos chances de melhorias na distribuição da renda e de chegar a um desenvolvimento mais satisfatório. E, também, a opção por melhores indicadores sociais, hoje uma vergonha nacional. E, quem sabe, signifique ainda níveis mais satisfatórios de empregos e salários, a partir de resultados e produtividade que assegurem competitividade.

Não há, nestes dias, dúvidas para o Brasil. As opções estão postas de forma clara e cristalina.

Então, para atingirmos os objetivos apresentados na segunda opção, temos de assumir a premissa da estabilidade política. E isso passa, necessariamente, para lembrar frases dos próprios políticos: "... Passa por Minas", e pelas reformas, que de-

vem varrer o Brasil do Oiapoque ao Chuí.

Sem a estabilidade política, não haverá estabilidade econômica. São raros os casos de estabilidade governamental aliada a estabilidade ou crescimento econômico, que, em nossos dias, só se permitem em nações sob o regime parlamentarista, mas dentro de um arcabouço institucional e constitucionalmente forte. Além disso, são países, no geral, de um conjunto político e econômico de povos menos vulneráveis do que nós, brasileiros.

A proposta da reeleição do presidente da República está no divisor desse Brasil - do que sempre estará em busca do futuro brilhante e daquele que fez, em definitivo, a opção por ele.

A opção, independente da sociedade política, é por algo maior. Maior do que a sociedade dos políticos. E aí vem a questão básica: quanto uma parcela dessa sociedade, que nos representa, pode cobrar para o nosso arcabouço de estabilidade? Vai existir uma conta a pagar e ela até que faz parte do "jogo democrático". Mas vamos dar conta de pagá-la?

Essa conta tem claros contornos pessoais e interesseiros. Portanto cuidado. Estabilidade a qualquer preço, sim. Mas quem cobrar, pagará a conta!

\* Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas